

2005_06_25

Destaque

O Empreiteiro

Fracasso dos novos leilões inibe novos investimentos

Dificuldades ocorridas nos leilões de energia colocam em xeque o novomodelo do setor elétrico e podem inibir o fluxo de recursos em novos empreendimentos.

O segundo leilão de energia velha, promovido pelo governo no início de abril, assim como o primeiro, realizado no fim do ano passado, não foi exatamente um sucesso. O preço, abaixo do esperado, e o pequeno volume de energia negociado deixaram muitas incertezas no mercado, o que não é bom para as geradoras e distribuidoras, nem do ponto de vista dos consumidores, muito menos para os investidor do setor.

O assunto é complexo, por que as distribuidoras só podem comprar energia por meio de leilões e deveriam fazer isso com antecedência, para ter preços mais baixos. Para as geradoras, os leilões também acabam sendo frustrantes, já que não conseguiram vender toda a energia disponível. "Estamos muito preocupados. Em primeiro lugar, não entendemos o que aconteceu nos leilões, sem transparência por parte do governo. Ambos não foram bem-sucedidos. O segundo atendeu apenas 23% da demanda das distribuidoras, que ficaram expostas ao mercado de curto prazo", explica Cláudio Sales, presidente da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica (CBIEE) o - entidade que representa os grupos AES, e Alliant Energy, CMS Energy, CPFL Energia, Duke Energy, EDF, EDP, El Paso, o Elektro, Endesa, Cataguazes, Rede, Iberdrola, PSEG e Tractebel.

"Existe uma instabilidade regulatória. Ninguém entende as regras e isso leva ao fracasso. A geradora fica exposta ao mercado e enfrenta restrições para sua atuação. Ela só pode vender para as distribuidoras via leilão e ambos fracassaram. Com isso, seu negócio fica ameaçado. Seguramente, isso é um fator de inibição para novos investimentos. Os investidores que estão aqui não querem fazer uma usina só. Querem crescer e lutam por isso. Mas se as condições não forem razoáveis, não assinam o cheque. São sucessivos rounds impondo sacrifícios e riscos extras para os investidores que estão aqui", comenta Sales.

Mesmo quem conseguiu negociar sua energia no leilão não ficou em boa situação, já que os preços de venda foram baixos - em média, R\$ 83,13 por MWh, ou seja, um deságio de 16% em relação ao lance inicial de R\$ 99 por MWh -, comprometendo a receita das geradoras. E com faturamento abaixo do esperado, é difícil imaginar um cenário de investimentos agressivos no setor.

Enquanto digere os resultados dos dois leilões, o Ministério de Minas e Energia (MME) já começa a preparar o próximo - sem data definida até o fechamento

desta edição - dessa vez, com energia proveniente de novos empreendimentos, que estão sendo chamados de "usinas botox". Essas usinas, segundo as regras do novo modelo de comercialização instituído pela lei nº 10.848/04, são as que seguem os seguintes critérios: detentoras de concessão ou autorização até 16 de março de 2004, que entraram em operação comercial a partir de janeiro de 2000 e com energia descontratada até 16 de março do ano passado. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) já divulgou as 15 empresas habilitadas a participarem do leilão.

O próximo leilão é relativamente pequeno, mas as empresas terão que fazer um esforço para vender", afirma Sales. Para ele, os efeitos dos problemas enfrentados nos dois leilões anteriores serão sentidos a partir de 2006 e a sociedade acabará pagando, literalmente, o preço do insucesso. Como as geradoras e distribuidoras não chegaram a bom termo, um novo leilão de energia velha deverá ser realizado.